

IN F O R M A T I V O

FRANCISCO

PRIMAVERA • 2016



EDITORIAL

por Tereza Racy

**“Nego-me a submeter-me ao medo
Que tira a alegria da minha liberdade
Que não me deixa arriscar nada...
... Do medo quero arrancar o domínio
E dá-lo ao Amor
E quero crer no reino que existe em mim. “**

(Meditação para a época de Micael)

Sob o sol da Primavera, a força de Micael se derrama sobre os homens.

A imagem desse ser arcangélico que domina o Dragão, sem matá-lo, faz com que o homem reflita sobre a importância do equilíbrio de suas forças. Forças que o impelem ao confronto em oposição às que trazem as afetividades, os encontros.

Dominar o Dragão, ser que pertence ao imaginário coletivo como uma força que se opõe ao Bem, importa em evidenciar a luta que travam as polaridades tão características na vida humana.

Mas por que Micael não mata o Dragão?

Porque pela sua envergadura espiritual deverá transmutar a força que se lhe opõe o Dragão.

Essa é a luta do homem.

Somente através do seu caminho de autodesenvolvimento, da busca de seu equilíbrio interior, poderá dominar o seu Dragão. E a partir daí, nessa jornada que lhe impõe permanentemente o equilíbrio entre o bem e o mal, poderá pensar em resgatar a tão sonhada Fraternidade que o aproxima das relações humanas, da Igualdade, que o assemelha enquanto espécie e da Liberdade, que garantirá o cumprimento de seu compromisso de se transformar na décima Hierarquia Espiritual, aquela que se fez merecedora de poder escolher os seus caminhos.

SUMÁRIO

03 - SUMÁRIO / EXPEDIENTE

04 - REFLEXÃO DE ÉPOCA

Festa de Micael

07 - O DESENROLAR DE UM FIO MÁGICO

Somos coloridos

10 - FOLHA LIVRE

Líberdade, Igualdade e Fraternidade

12 - A VOZ DA COMUNIDADE

Nossa chegada na Francisco...

14 - FOLHAS AMARELAS

Colaboradores

EXPEDIENTE

Editorial: *Tereza Racy*

Colaboradores: *Bernadete Megumi Kambe, Denise Seignemartin, Kelli Marcomini
Lívia Gomes Ferreira, Lourdes Maria Oliveira Freitas, Luis Sérgio Martins,
Mônica Ballaminut, Monike Dutra, Paulo Daruiche, Sol Horti e Rosa Crepaldi.*

Projeto Gráfico e Diagramação: *Felipe Kertes*

Capa: *Samanta Fachinelli*

Fotos: *Arquivo EWFA*

O Informativo Francisco é uma publicação trimestral da
Associação Humanista Francisco de Assis (EWFA).

Sugestões, comentários e críticas para
secretaria@escolafranciscodeassis.com.br

Av. Basileia, 149 - Lauzane Paulista - São Paulo - SP
CEP 02440-060 / (11) 22310152 - (11) 22317276

www.escolafranciscodeassis.com.br



REFLEXÃO DE ÉPOCA

Festa de Micael

por Denise Seignemartin
(Prof. Eúritmia e Tutora do 12W)

A Festa de Micael, que ocorre no dia 29 de setembro, pertence ao ciclo das Festas Cristãs. Ela refere-se ao Arcanjo Micael, um ser espiritual presente desde a criação sempre zelando pelo bom desenvolvimento da Humanidade.

No hemisfério Sul, conhecemos a imagem do Arcanjo Micael na figura representada por São Jorge. Ele está sobre o cavalo, com uma lança na mão dominando o Dragão. Também o conhecemos nas lendas como aquele que salva a princesa do domínio do Dragão. Uma luta é travada e ele o vence corajosamente.

Podemos fazer um paralelo dessa imagem de Micael com os dias atuais ao observarmos que as condições de vida na Terra estão ficando cada vez mais difíceis, com um levante do Mal em todas as partes. Como podemos vencer o Mal, esse Dragão? Certamente temos que conhecer como esse adversário age, fazendo-nos sucumbir ao seu jugo, arrancando-nos o que temos de mais precioso a ser desenvolvido: a Liberdade e o Amor altruísta.

Devemos nos perguntar: quem está ou quais intenções estão por trás daquilo que facilita e agiliza nossa comunicação nos tempos modernos, disfarçado de Bem? Sabemos que um dos

maiores problemas da atualidade é a comunicação. Analisemos, por exemplo, os meios de comunicação eletrônicos como o Facebook e WhatsApp. Por meio deles recebemos um excesso de informações que exigem de nós agilidade, tirando-nos do foco toda vez que ouvimos o sinal do celular. Em suma, são meios que fazem com que a nossa consciência esteja constantemente fora de nós, ao invés de estar em nós, no "aqui e agora". As informações são tantas e tão superficiais que mal conseguimos digerilas. No que isso implica? É claro que estas ferramentas são úteis, mas é preciso usarmos comedidamente. Esses meios trazem conforto. Criam hábitos muito práticos que se instalam sem nos darmos conta. Por exemplo: para que fazer cálculos, usemos calculadoras! Para que escrever por extenso, façamos abreviações! Ideia própria dá trabalho, deixe a TV mostrar o que devemos pensar! Etc, etc...

Há um esforço contínuo e maçante para que o ser humano acredite que ele não é um ser pensante. Por que será?

Estamos num momento crucial da evolução da humanidade e a inteligência humana é potente demais para deixar alguém em paz.

Quem não quer pensar, precisa ser anestesiado para que ela silencie.

Ao nos aprofundarmos na obra de Rudolf Steiner, tomamos conhecimento que a partir do século IX, o Arcanjo Micael gradativamente foi liberando a *Inteligência Cósmica* como uma "chuva fina de sabedoria" para os seres humanos e isso perdurou alguns séculos. Se observamos a evolução da humanidade, a partir do século XV com suas Descobertas, as Grandes Navegações, o nascimento das Ciências Naturais, vemos como o ser humano gradativamente se apropriou do entendimento do mundo sensório, afastando-se cada vez mais das percepções do mundo suprasensível. E por que isso foi necessário? Para que o ser humano pudesse desenvolver seu livre-arbítrio a partir do pensar. Anteriormente, dos primórdios da humanidade até o século XV, tal como uma criança pequena que é orientada e está sob os cuidados dos pais, o mesmo se sucedia com a humanidade. Esta era conduzida pelos seres divinos-espirituais através dos sábios sacerdotes, faraós, patriarcas como, por exemplo, Moisés.

No momento que Micael entregou a *Inteligência Cósmica* aos cuidados dos seres humanos, ele também entregou sua espada nas mãos dos homens. De maneira geral a espada simboliza autoridade, poder e justiça. Nas representações pictóricas da Justiça, os gregos mostravam-na com uma mulher em pé, de olhos abertos, empunhando na mão esquerda uma espada e segurando na mão direita uma balança fora de equilíbrio. Os romanos mostravam-na com uma mulher muitas vezes sentada, de olhos vendados (ela apenas ouve), segurando uma balança com os pratos em equilíbrio.

O que significa termos nas mãos a espada? Significa, sem saber muito bem, que estamos com a arma nas mãos para combater qualquer mal, qualquer aflição, qualquer medo. Porém, precisamos aprender a manejá-la!

Há um verso maravilhoso de Christopher Fry que nos dá uma dica:

«Graças a Deus que o Mal
se levanta em todas as partes.
E não nos abandonará se não dermos
com a alma o maior passo que o homem já deu.
As coisas têm a dimensão da alma.
A maior aventura é a investigação de Deus.
São necessários milhares de anos para despertar.
Mas meu Deus,
por que você não desperta?"



A sabedoria antiga dizia: "Não há doença para a qual não cresça também uma planta curativa". Portanto, não há Mal ou provocação para os quais não nos seja dada a força e a coragem para superá-los!

Certa vez perguntaram a Rudolf Steiner, durante a I Guerra Mundial, qual era o sentido do Mal? Ele respondeu: "Para que o homem encontrasse o caminho interior. O Mal não existe para ser praticado, e sim para despertar a prática do Bem!". É quase um consolo saber que o Mal não é para nos aniquilar, porém para nos despertar e colocar nossas forças ativas em ação.

Temos que constantemente imbuir-nos da imagem do Arcanjo Micael superando o Mal.

Sabem o que Rudolf Steiner disse de Micael? "Ele é o otimista cósmico que não desiste do ser humano. Estava desde o princípio da criação e acompanhará o ser humano até o fim dos tempos!"

Rudolf Steiner legou-nos um moderno e profundo verso de Micael que tem a ver com os tempos atuais, a seguir:

«Temos que erradicar da alma todo medo e temor do que o futuro possa trazer ao homem.

Temos de adquirir serenidade em todos os sentimentos e sensações a respeito do futuro.

Temos de olhar para frente com absoluta equanimidade para com tudo o que possa vir.

E temos de pensar que tudo o que vier, nos será dado por uma direção mundial plena de sabedoria.

Isto é parte do que temos que aprender nesta Era.

A saber: Viver com pura confiança, sem qualquer segurança na existência,

Confiança na ajuda sempre presente do mundo espiritual.

Em verdade, nada terá valor se a coragem nos faltar.

Disciplinemos nossa vontade e busquemos o despertar todas as manhãs e todas as noites.»

Se Micael não desiste dos seres humanos, façamos jus às suas expectativas para o "bom desfecho" da humanidade e do planeta Terra.



O DESENROLAR DE UM FIO MÁGICO

Somos todos coloridos!

por **Livia Gomes Ferreira**
(Professora de Classe do 2º W)

O Currículo da Aquarela no Ensino Fundamental, sua importância em cada ano escolar

O sol se exibiu grandioso no prenúncio de mais um fim de tarde de inverno; mas creio que poucos perceberam sua expressão, tão absortos no trânsito corredio de São Paulo. Difícil expressar a exatidão daquele momento que soou tão contraditório aparentemente: uma circunferência majestosamente imponente, grande mesmo e exata, numa expansão suave do tom alaranjado que recobria as nuvens por todo o horizonte e contrariamente aquecia o céu, o rio e sua marginal, os carros e as retinas de quem se atrevia a contemplá-lo. E essa paisagem urbana pareceu tão diminuta perante tamanha luminosidade que abraçava a todos; como que a mostrar que mais acima existe algo mais a nos emoldurar. Sim, foi poético, alguém dirá. O pensamento faz conexões pouco explicáveis, fazer o quê?

E aquecido o meu coração, fiquei a lembrar das palavras de uma colega/amiga professora de nossa escola, que num desses momentos descontraídos, ao avistar os professores que retornavam para a reunião vespertina fez a seguinte observação: "Reconhecemos os professores Waldorf (e os alunos também!) à distância... uma vez que nossas escolhas de roupas (materiais, salas, trabalhos, etc) são coloridas!" E

os presentes deram vários exemplos dessa diversidade de tons e motivos para tais escolhas. Tal constatação espontânea não é contrária às definições simplistas que críticos e leigos em Pedagogia Waldorf fazem sobre a aparência da nossa realidade.

Entretanto, não podemos nos deter na aparência; nem tão pouco repetir padrões porque sempre foi assim, ou muito menos oscilarmos irrefletidamente no devir da simpatia ou antipatia, se quisermos conhecer de fato a *essência* dos fenômenos. Um fato: Sim, somos "Coloridos", na melhor acepção da palavra, porque buscamos o Belo. E porque o almejamos somos atraídos para as manifestações que esbanjam tais belezas no mundo, como num descompromissado pôr de sol, num gesto puro e criativo de uma criança ao brincar, ou na energia construtiva de uma juventude engajada socialmente, na Arte de Educar.

Um leitor mais afoito à essa altura já se pergunta: Onde vem isso, esse desejo pelo Belo? Onde nasce essa *estética* Waldorf? Rudolf Steiner (1861- 1925) disse que deveríamos ser assim? Onde está escrito? Se observarmos com atenção a *beleza* está para aqueles que a buscam. Porém

essa capacidade de veneração não é inata, podendo ser adquirida no exercício da Meditação e da Vontade. Para tal necessitamos de tempo, didática e instrumentação necessária para o burilar da sensibilidade, transformando nesse caso a captação óptica.

Agora sim, cheguei onde eu deveria. Ao título! **O Currículo da Aquarela no Ensino Fundamental – sua importância em cada ano escolar.** O Currículo Waldorf é que explica essa nossa formação e "esse jeito de ser". E quando nos dispomos a compreendê-lo em suas fundamentações Antroposóficas, armazenamos coerentemente argumentos em favor de tais práticas e materiais, uma vez que Rudolf Steiner o propôs a partir de uma pesquisa e compreensão espiritual de Evolução Humana. A Arte não é tratada como mimese da realidade, nem tão pouco como uma expressão virtuosa e pretenciosa de habilidades adquiridas. Ela se coloca como meio sublimado de transformação humana e de ligação do homem a sentimentos e ações que o façam progredir moralmente. Em Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) é que Steiner se nutre para compreender a Arte. E nas palavras do poeta e pesquisador alemão, temos: *"Aquele a quem a Natureza começa a desvendar seu segredo manifesto experimenta um anseio irresistível por sua intérprete mais digna: a Arte."*

Rudolf Steiner também nos apresenta em suas palestras que no decorrer dos três primeiros Setênios o Ser Humano, se for estimulado adequadamente em seu desenvolvimento físico, transformará níveis sensoriais importantes para a sua percepção do/no mundo. No Primeiro Setênio, os Básicos para o âmbito Volitivo do Ser: Vital, Equilíbrio, Movimento e o Tato. No Segundo Setênio, o âmbito dos Médios que influenciarão as expressões dos Sentimentos e a relação social e com o ambiente: Olfato, Paladar, Visão e Térmico. E por fim no Terceiro Setênio: Audição, Fala, Pensamento e Eu, capazes de promover o saudável desenvolvimento da Cognição. Trabalhar Arte/Aquarela potencializa o desenvolvimento dessas habilidades.

Assim, o uso de Elementos Naturais preferencialmente são os escolhidos em nossas práticas didáticas Waldorf por favorecerem o despertar de tais Sentidos. A argila, a cera de abelha e a

madeira estão na cartela de alguns materiais didáticos que utilizamos no decorrer dos anos escolares. A água também. Ela se apresentará especialmente unida a pigmentos minerais coloridos: a tinta aquarela. Eis um primeiro grande motivador desta prática na escola Waldorf. O que, aliás, estará presente em todo o percurso escolar, desde o Jardim, num perfil mais vivencial, imitativo e lúdico, até o Ensino Médio com composições mais individualizadas, objetivas, contextualizadas e expressivas. Cabe ao Ensino Fundamental a tarefa de ensinar o uso, a história, as técnicas e a contemplação dessa "Arte Inglesa" (que historicamente começou na China milenar).

Muitos foram os artistas que se destacaram no domínio dessa impressão sobre o papel, cada qual seguindo escolas e estilos específicos. Na escola Waldorf, porém, a técnica privilegiada é a aguada com imersão do papel em água e tinta já diluída. Não por rentabilidade de material, mas para favorecimento da *vontade* juvenil por dominar a técnica, o que exige postura e parâmetros didáticos adequados, mas principalmente a flexibilização do pensamento infantil, que por estar em desenvolvimento deve ser poupado de um enrijecimento baseado em modelos de como elaborar uma composição ou pintar. Outra qualidade dessa prática é a rapidez com que a cor se transforma pelo gesto humano em conteúdo de ilustração de outras matérias, e por esse motivo à medida que os alunos ganham mais autonomia e domínio sobre a técnica, o lápis aquarelável e o nanquim passam a ser utilizados numa profícua interação interdisciplinar.

De acordo com Rudolf Steiner o segundo setênio se caracteriza como um segundo nascimento da criança. E o autor Helmut von Kögelgen complementa: *"A criança de sete anos exige realmente que se lhe ensine algo. A partir desse momento tem energia de sobra, livres, que querem converter-se em Energias do Espírito"* (A Educação Waldorf: aspectos da prática pedagógica.SP: Antroposófica, 1989, pág. 25).

O respeito às necessidades de forma para se realizar um trabalho amplia a percepção infantil quanto à *ordem* e à *devoção* ao se realizar um trabalho, contemplando assim vivência determinante na formação do caráter da criança. E a contemplação do movimento fluido das cores, a alegria da descoberta da transformação da composição ao secar fazem dessa prática outro elemento de leveza e meditação para o aluno pintor. São conteúdos anímicos importantíssimos à criança do segundo setênio por movimentar o Âmbito do Sentir da Criança em desenvolvimento.

E quanto à influência das cores Kügelgen acrescenta: *"A Alma Humana recebe sensações diferentes de um ambiente azul, roxo ou amarelo. A cor fala à alma e tem sua própria vida. O que vive nas Cores é a Linguagem do Criador."* Desta sorte, podemos perceber a importância de tal prática de forma sistemática, se possível semanalmente, para que ano a ano, gradualmente, o método e os conteúdos da Técnica de Aquarela possam ser vivenciados e apreendidos. Essas qualidades simbólicas, impressões e associações foram percebidas nas cores em diversas épocas, culturas e áreas de atuação profissionais. Todos esses conteúdos histórico-culturais também permeiam o aprendizado da técnica, mesmo que a criança não tenha a princípio consciência dessas relações.

Assim, ano após ano, desde o jardim até chegarem ao ensino médio, as crianças vão expandindo o domínio sobre os materiais, uma vez que a consciência corporal e sobre o processo de feito se expandem. No longo percurso, em linhas gerais, passa-se de um feito plástico mais imitativo repleto de imagens, a um estágio mais individualizado, com destreza e objetivo; de uma vivência inconsciente sobre as cores e as formas (em um sentir da energia emanada por elas!), seguindo uma ordenação por graus tonais, passando pelas primárias, secundárias etc. até a escolha especializada para um projeto autoral. Da simplicidade dos materiais (apenas água, tinta papel, tábua, esponja e pincel) à complexidade criativa, com o uso de outros agentes naturais com pigmentação (ex.: tintas de origem vegetal) ou de suportes mais diferenciados como nanquim, lápis aquarelável, esponjas diferenciados,

pinceis e papeis de gramatura e texturas especiais, etc.

No início um exercício mais direcionado de movimentos até chegar à complexidade de composições e texturas criativas que o domínio dos materiais pode oferecer. Do elemento puro e do gesto no primeiro ano escolar; passando pela formação de paisagens, pela figuração, pelo estudo de Claro e Escuro, pela Perspectiva, até chegar à sutil Veladura, compondo as camadas de profundidade que uma aquarela pode oferecer.

O objetivo de tudo isso?

Steiner nos orienta: a busca por indivíduos saudáveis e livres, com ideais, vontade e habilidades para transformar o mundo.

*"...o Artista se nos apresenta como
o continuador do espírito que atua no mundo;
ele continua a Criação onde
o espírito a abandonou.
Ele se nos apresenta em íntima confraternização
com o espírito divino,
e a Arte como a continuação livre
da evolução natural."*

Rudolf Steiner



Alguns consagrados artistas nessa técnica: Tadeo Gaddi (Itália- 1290- 1366), Albrecht Dürer (Alemanha - 1471-1528), John White (1540-1593), Alexander Cozens (1717-1786), William Blake (1757- 1827), John S. Cotman (1782-1842), Peter de Wint (1784-1849), Claude Lorrain (França - 1600-1682), e Giovanni Benedetto Castiglione (Itália- 1609-1664).



FOLHA LIVRE

Liberdade, Igualdade e Fraternidade

por Kelli Marcomini
(Professora de Sociologia formada pela USP)

O processo revolucionário de 1789, que tornou famosa a divisa colocada acima, foi talvez o mais importante exemplo a conhecer os limites do homem em tentar concretizar os anseios e a esperança em um mundo mais fraterno, equânime e livre.

Em seu clássico livro sobre a “Era das Revoluções” o historiador inglês Eric Hobsbawn expõe tais limites ao fazer uma crítica severa ao documento histórico aprovado em 26 de agosto de 1789. Para Hobsbawn, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão representaria um manifesto contra a sociedade hierárquica de privilégios, mas não um manifesto a favor de uma sociedade efetivamente democrática e igualitária.

Estava claro que os princípios norteadores da revolução – liberdade, igualdade e fraternidade – não teriam sido contemplados de modo igualitário no documento. A igualdade, por exemplo, fora absurdamente rechaçada, não figurando entre os direitos “naturais e inalienáveis”, muito menos recebendo o estatuto de direito “sagrado e inviolável”, como fizeram com a propriedade, por exemplo.

Inspirado pela Antroposofia, Rudolf Steiner também dedicou uma profunda reflexão a respeito desses três princípios. Em 1919, sua ideia de “trimembração do organismo social” ganha fôlego, e em agosto do mesmo ano, passa a realizar um ciclo de seis palestras sob o título “A questão pedagógica como questão social”, onde expõe os fundamentos da pedagogia Waldorf.

Nessas conferências, a trimembração da vida social é encarada como uma necessidade histórica, único modo possível de superar uma economia liberal caótica, a vida política baseada no poder, e uma vida espiritual debilitada.

Para Steiner, a transformação social só seria plena quando houvesse a socialização da vida econômica orientada pelo princípio da **fraternidade**, a democracia para a vida política, direcionada pela **igualdade**, e uma educação para a vida do espírito, conduzida pela **liberdade**. Sendo este último ponto crucial, pois somente uma educação libertadora poderia garantir a construção de saberes e conhecimentos capazes de promover o desenvolvimento da humanidade.

Nesta perspectiva, os três aspectos principais da vida social seriam: o **capital** relacionado com tudo aquilo que seria necessário para gerar riquezas, ou seja, ao exercício livre das habilidades individuais. A **mercadoria**, ligada ao princípio da vida econômica fraterna, através dos bens que serão produzidos e colocados à disposição no mercado para a satisfação das necessidades da comunidade e, finalmente, o **trabalho**, condicionado ao plano das relações sociais, ao ordenamento jurídico e à vida democrática através do princípio da igualdade de direitos e deveres. Em uma sociedade livre e fraterna, o princípio da igualdade só poderia florescer quando cada indivíduo fosse tratado com igualdade de direitos, independente da tarefa que, na medida de suas potencialidades, vontade e liberdade, escolhesse realizar.

Inversamente, enquanto produto da sociedade e da ciência materialista moderna, nossa vida econômica tornou-se “desprovida de pensamentos” e, portanto, distanciada das relações humanas. Uma vida econômica distanciada dos reais anseios da humanidade, segundo Steiner, cria uma atmosfera competitiva e egoísta, contrária a uma vida social justa onde os indivíduos se esforçam mutuamente para conseguir uma meta, um objetivo comum.

No plano das **mercadorias**, ou da vida econômica, um organismo social saudável é aquele que manifesta suas reais necessidades. Mas, afinal o que é uma necessidade humana? Quem poderia estabelecer quais seriam essas necessidades?

Através de nosso sistema econômico produzimos bens para satisfazer nossas necessidades físicas e culturais. Em uma sociedade mecanicista, materialista e sem imaginação, o risco de termos nossas reais necessidades mascaradas por falsos desejos e paixões é muito alto. Uma vida social genuína requer imaginação para que a produção de **mercadorias** se volte ao necessário, sem que o supérfluo e inútil sejam induzidos. Steiner irá dizer que essa imaginação só pode ser concretizada através de uma educação transformadora que trabalhe a índole humana através de conceitos e valores totalmente diferentes da ciência materialista. Além disso, em seu modelo social trimembrado, a vida econômica será regi-

da pelo princípio da doação, ou **fraternidade**, uma vez que cada um deva agir com um espírito altruísta produzindo aquilo que seja necessário não para si próprio, de modo egoísta, e sim para beneficiar o conjunto da sociedade.

O exemplo mais próximo desse modelo é o de uma escola Waldorf. Quando fazemos uma doação à escola através das contribuições estamos exercendo a fraternidade. Neste sistema, criamos um ciclo virtuoso onde o resultado de nosso trabalho é disponibilizado para reconhecer a tarefa daqueles que irão auxiliar no crescimento espiritual de nossos filhos, capital humano a ser reinvestido nesta mesma sociedade através da atuação de seres humanos mais conscientes.

Ora, como produzir mercadorias que satisfaçam as reais necessidades dos homens, se, no mundo moderno as pessoas não são conscientes de suas potencialidades? Se não amam a tarefa que executam? Se só são explorados com intuito de satisfazer o desejo de lucro e poder de outros indivíduos e terminam por realizar trabalho sem significado verdadeiro?

É esse o desafio que Rudolf Steiner nos coloca. A humanidade precisa ser convencida por grandes metas, grandes, no sentido de serem verdadeiras - baseadas na crença e na vontade de edificarmos uma existência humana realmente digna. É preciso recuperar o amor ao trabalho, e esse amor só poderá surgir a partir de uma educação libertadora. Eis a tarefa da pedagogia Waldorf: desenvolver seres humanos livres e autônomos que tenham consciência de suas reais capacidades e que encontrem, com responsabilidade e altruísmo, o lugar que lhe foi destinado no sagrado edifício da humanidade.

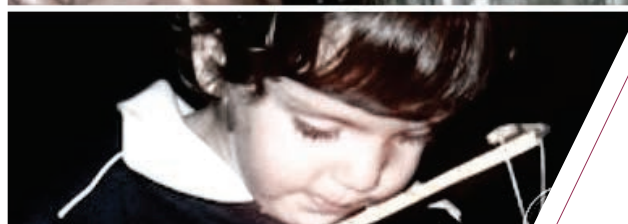
Kelli Marcomini, Professora de Sociologia formada pela USP. Atualmente é estudante de Letras na mesma universidade e aluna do Instituto de Desenvolvimento Waldorf para a formação de professores. É mãe da escola Francisco de Assis há 14 anos.



A VOZ DA COMUNIDADE

Nossa chegada na Francisco

por Paulo Daruiche
(Médico Homeopata e Psicanalista)



Nós conhecemos a Escola Waldorf Francisco de Assis, e também a Antroposofia, há quase 20 anos. Eu sou médico homeopata, e trabalho no Instituto Hahnemanniano em Santana, onde funciona também o Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo (GEHSP) Benoit Mure. Pertencço a esse grupo desde 1998. Um dos fundadores - o Dr. Galvão - manteve alguns de seus filhos nesta Escola por algum tempo, até decidir educá-los em casa. Por pertencer a este grupo, tive a oportunidade de conhecer a professora de alemão Célia Koermandy, que teve sua história também ligada à Escola. A professora Célia foi quem deu suporte para que fossem traduzidas diretamente do alemão para o português as obras básicas da Homeopatia (escritas por Hahnemann, em alemão antigo). Esse trabalho, valioso e inédito no Brasil, foi feito pelo GEHSP e dirigido pelo Dr. Galvão.

Um pouco depois dessa época, nosso filho mais velho (Gabriel), aos 4 anos, estava na pré-escola em uma escola muito pequena, que hoje nem existe mais. Era uma escola que tinha uma proposta alternativa, e tínhamos acesso direto à proprietária, que acolhia nossas decisões de não alfabetizar nosso filho antes dos sete anos de idade, não vacinar e respeitar o brincar. Este dire-

cionamento e alguns outros da Antroposofia, tínhamos através de livros e textos que tive acesso na própria biblioteca do Dr. Galvão; aliás, os conhecimentos que tive da evolução do ser humano em setênios, da biopatografia, dos temperamentos, dos tipos constitucionais, da alimentação adequada para cada indivíduo, entre outros, são conhecimentos que utilizo rotineiramente no atendimento clínico, e que também direcionam condutas. Mas Gabriel ainda não estava numa escola Waldorf. Aos poucos, aquela outra escola foi perdendo alunos (e suas características), e Gabriel começou a ser alfabetizado. Protelamos nossa decisão de mudar de escola, até que um dia, durante uma brincadeira no pátio com outras crianças, Gabriel caiu com outra criança e quebrou a perna em dois lugares. Isto nos marcou fortemente, pois ali pudemos ver com clareza (infelizmente, na prática) o quanto a intelectualização precoce de uma criança tira sua energia vital. Gabriel estava alfabetizado, mas desvitalizado.

Gabriel, depois de algum tempo em casa, foi para o Jardim da Escola Waldorf Francisco de Assis com a professora Lúcia Kalaf. Nessa Escola fomos acolhidos com nossas opções "estranhas" (não comer carne, não vacinar, tratar-se com

homeopatia, não querer que nosso filho comesse alimentos ruins “de cantina” na escola etc.). E ele pode reconstruir o brincar, viver o restante daquele setênio com propostas adequadas para sua idade, enriquecer sua experiência anímica com as artes também na escola (em casa sempre houve muita música e pintura), enfim, viver o “Bom”, adormecendo a intelectualização e preparando seu espírito para o setênio seguinte, onde teve contato com o “Belo”, e onde reconstruiu sua forma de aprender (usando todos os sentidos) as matérias escolares. Até chegar novamente na letra escrita pela mão no papel, ouviu as histórias, viveu os desenhos de formas na areia, na aquarela, usou os pés, mãos, boca. Foi descontruída a “decoreba” e construída a apropriação do saber de forma a ser vivenciado, incorporado e fazer sentido, respeitando a individualidade de cada criança.

Lembro que, na primeira reunião com a professora de classe dele, havia muitos pais com dúvidas sobre a pedagogia Waldorf. E um depoimento de pais da sala chamou a atenção dos demais. Eles eram professores de cursinhos tradicionais em São Paulo, e davam aulas para alunos egressos de renomadas escolas paulistanas de ensino tradicional que tinham como objetivo aprovar o aluno no vestibular. Disseram que, às vezes, vinha algum egresso de escolas Waldorf. Esses “alunos Waldorf” por vezes não sabiam a matéria, mas sabiam aprender, e ficavam pouco tempo no cursinho. A fala final deles foi: “não sei o que vocês fazem com as crianças aqui, mas por favor, façam isto com meu filho”.

Hoje Gabriel está cursando Arquitetura. Depois dele vieram a Júlia (8º ano) e o Heitor (4º ano). Eles herdaram os benefícios que nossa família conseguiu pelo aprendizado nessa abençoada comunidade. Agradecemos sempre pela experiência que tivemos, e ainda temos, nesta Escola. Agradecemos os diversos cursos que fizemos, o trabalho de todos os dias dos professores, e às deliciosas oportunidades em que pudemos trabalhar junto nas festas. Enriquecemos nossa vida, nossas relações, nossa prática profissional, e fizemos nesta comunidade grandes amigos para a vida toda. E somos de opinião que todas as crianças deveriam poder vivenciar a experiência de estudar em uma Escola Waldorf.

Gratidão!



FOLHAS AMARELAS Colaboradores

COMÉRCIO

Velaria Artesanal

Velas aromáticas, saís de banho, sachês perfumados, difusores de varetas e mais.

- Daniela Muelas Bonafé de Andrade

11 997383705 / 11 2337 7130

daniplc@gmail.com

www.facebook.com/velariaartesanal

CORPO E BEM ESTAR

Águia Parda

Gyrotonic, Gyrokinesis e Pilates.

- Cecilia Panelli

Av. Nova Cantareira, 1058

11 35301589 / 11 982036577

contato@aguiaparda.com.br

www.aguiaparda.com.br

MEDICINA

Lilian Keller

Psicanálise Clínica e Hipnose

Av. Água Fria, 1671

11 984571152

lrpkeller@yahoo.com.br

SERVIÇOS

BM Estúdio Fotográfico

Fotografia

- Beto Moussalli

Rua Aimberê, 894, Perdizes

11 981528224

fotobmsl@gmail.com

www.fotobm.wix.com/fotografiabm

COMUNICAÇÃO

Kertes Design

Design Gráfico

- Felipe Kertes

11 991479031

kertes@outlook.com

www.kertes.com.br

IDIOMAS

Mk2

Tradução e interpretação em japonês.

- Tamotsu Kambe

Av Almirante Alvaro Alberto Silva, 189

11 981058719

kambe3966@gmail.com

A VIDA EM VERSO

AMANHECENDO NA PRIMAVERA

O manto da manhã
amassa os matos,
amaina os rastros,
me amansa o tato.

Fico de todo mudo
no tudo do mundo,
o mundo se muda
e fico sem modos.

Sinto os sentidos
sem senso certo,
soam soltos os sons
e me sinto sonso.

A luz ilumina o dia
mas não ilumina a mim,
vem bem viva a vida,
mas tal véu me venda.

O pelo peleia a pele
refreando o frio,
a friagem enrica,
me enfraquece o brio.



Assunto o fim do céu,
e muda o azul carmim,
muda no que fito fundo,
agora é azul sem fim.

Vejo o verde vago,
vazando um verde novo,
veste minha vista e
verte um verde vasto.

Chega um cheiro chã,
do chão que chama a gente,
saio cego e tonto,
mas navego solto,

é a vida viva,
me levando todo,
me mostrando tudo,
desse mundo novo.

Luis Sérgio Martins
(Pai da Leticia 9ºA e Beatriz 12ºA)

AGENDA

SETEMBRO

- 08 - Reunião de classe Maternal e Jardim
- 10 - Reunião de classe 2º ano
- 22 - Reunião de classe 7º ano
- 24 - Festa Semestral

OUTUBRO

- 04 - Aniversário da Escola
- 06 - Reunião de classe 6º ano
- 10 a 14 - Semana da Primavera
- 20 a 23 - Teatro 8º ano
- 29 - Reunião de classe 4º ano

NOVEMBRO

- 01 - Reunião de classe 3º ano
- 05 - Reunião de classe 1º e 2º ano
- 17 - Reunião de classe 9º ano e 12º ano
- 20 - Exposição Pedagógica / Bazar de Natal
- 24 - Reunião de classe Maternal, Jardim, 8º, 10º e 11º ano

